

## INQUIETAÇÕES E RAZÕES PARA O ENSINO DA ARTE

**FERREIRA, Sonia Maria de Oliveira**  
**LANA, Ivan Nyls Ribeiro**

### RESUMO

Pretende-se neste artigo, refletir sobre o ensino da arte, a formação e dificuldades encontradas pelos professores de artes no exercício da profissão e no espaço a ser utilizado (sala de aula), que muitas vezes é restrito, dificultando sua aplicação e envolvimento, criando frustrações, que são remediadas constantemente. Apesar de enfrentar problemas, mostramos que ensinar arte vale a pena. Ela amplia o desenvolvimento cognitivo dos educandos, levando-os a refletir sobre o mundo em que vivem, como também podendo contribuir na interação entre os demais sujeitos que fazem parte deste cotidiano.

### PALAVRAS-CHAVE

Arte Educação. Cotidiano Escolar. Professor de Artes.

### INTRODUÇÃO

O presente artigo traz alguns questionamentos pessoais a partir da formação em Artes Visuais, pela Universidade Federal do Espírito Santo, tanto pelas experiências adquiridas em sala de aula e como nas dificuldades encontradas nos espaços escolares e nas interações com sujeitos do cotidiano escolar.

O objetivo principal é a obrigatoriedade do ensino da arte e apontar como as aulas de artes são dadas nas escolas a partir da Lei de Diretrizes e Bases 9394/96. Mesmo encontrando algumas dificuldades nesta profissão, muitos profissionais têm o gosto de ensinar, [re] conhecendo o seu espaço, mesmo que escasso, suas atribuições e desejos de contribuir de forma efetiva para a educação desse país, através do ensino da arte que encanta, explora, faz pensar, refletir, observar e “enxergar” o mundo de forma diferente.

### O COTIDIANO ESCOLAR: INQUIETAÇÕES SOBRE O ENSINO DA ARTE

Na grande maioria das escolas o professor de artes não tem um espaço adequado para as aulas de artes, que é essencial, pois tem que lidar com diversos materiais diversos como tinta, argila, colagens, dentre outros, ficando impossibilitado de ir além das práticas cotidianas ou podendo levar os alunos a experimentar novas possibilidades, explorar novas práticas e materiais e instigando-os

a olhar sobre os espaços de forma diferenciada, Da mesma forma que “alguns” profissionais da educação acreditam que o professor de artes não precisa de uma sala ambiente, tratam esta disciplina de forma preconceituosa, insinuando que não tem a importância da matemática e/ou português, pois geralmente não reprova, servindo apenas como lazer, complemento de atividades ou confecção de painéis. Por estas razões, os alunos acabam sendo contagiados, e vêem a aula de artes como um “passatempo”. É nesse momento que começam a surgir as primeiras frustrações, e sua *identidade* como professor fica comprometida, que segundo Hall (2004), é construída a partir dos discursos e do cotidiano que está inserido, nas interações com o outro. E é nessas interações que as experiências acontecem, e essas “[...] são os que nos passa, ou que nos acontece, ou o que nos toca” (LAROSSA, 2004, p. 154), da mesma forma que toca o outro.

O ensino da arte passou a ser obrigatório a partir da Lei de Diretrizes e Bases 9394, de 20 de dezembro de 1996, Art.26,§ 2º, em que “[...] o ensino da arte constituirá componente obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”, (BRASIL, 2008, p.38). Mesmo havendo a obrigatoriedade de inserção algumas escolas ainda não contemplam essa disciplina, sendo com maior frequência no ensino médio, ou em escolas particulares.

A LDB diz que um dos princípios em que o ensino será ministrado é a “[...] liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber” (Art. 3º, § II, p. 29), nesse sentido entendemos que esse é um dos papéis que devem ser desempenhados pelo professor de arte. Porém “[...] são inúmeras as dificuldades que a escola enfrenta para a implantação das artes no seu contexto educacional; essas vão desde a carência de espaços adequados para o trabalho com artes até, e principalmente, ao próprio conceito de educação artística de forma mais ampla” (SILVA, 2006, p. 29).

Segundo o Referencial Curricular para a Educação Infantil (BRASIL, 1998), para a aplicação das aulas de artes na primeira etapa da educação básica, é necessário que nos locais de trabalho de uma maneira geral, acomodem confortavelmente as crianças, dando o máximo de autonomia para o acesso e uso dos materiais. Espaços apertados inibem a expressão artística, enquanto os espaços suficientemente amplos favorecem a liberdade de expressão.

Caso não haja um local apropriado para a aplicação da aula, o Referencial sugere que a arte deve ter seu “cantinho” para exposição permanente dos trabalhos dos alunos, bem como um varal para secagem dos trabalhos dos alunos. E uma das dificuldades do professor em trocar de salas é a impossibilidade do uso de diversos materiais, que é uma das propostas da arte, com propostas de trabalhos diferenciadas. Tal impossibilidade denota, de certa forma, uma “invasão” no espaço do outro, e muitas vezes as sugestões de um espaço diferenciado para tais aulas não são levadas em conta.

Além encontrarmos essas falhas, nos deparamos com diversos problemas na formação e no espaço escolar. Como licenciados em Artes Visuais, tivemos a oportunidade de estar efetivamente em prática no cotidiano escolar, ainda no decorrer do curso. Como professores de artes atuantes é que começamos a perceber algumas dificuldades que o professor de artes encontra tanto no campo teórico, pela falta de algumas teorias da educação, que são importantes para o desenvolvimento intelectual do professor, quanto no próprio ambiente escolar, que muitas vezes tende a colocar a disciplina de artes em segundo plano.

O ensino de artes nas escolas compreendem três fases do ensino básico: infantil, fundamental e médio. Cada uma delas têm suas especificidades, com idades e fases diferentes em que a arte deve ser aplicada, adequando-se a elas. Na educação infantil, as crianças ainda pequenas, vêem a escola como a extensão de sua casa, elegendo um adulto como referência, como se fosse o pai, a mãe e/ou um responsável por ele. E esse responsável, geralmente é a professora regente, que passa a maioria do tempo com eles. Os professores de artes e educação física (os dinamizadores) são aqueles que “pegam” de vez em quando os alunos da professora “tal”, não tendo autonomia. Muitas vezes somos abordados por profissionais, que perguntam com a turma de qual professora estamos. Atitudes involuntárias de classificação do sujeito. O discurso incorporado de que “o professor está com a turma tal” já faz parte da rotina de muitas escolas, acontecendo com mais frequência na educação infantil e fundamental (1º ciclo). A todo o momento somos classificados e estamos classificando o outro. Somos “vítimas” de preconceito a todo o momento, e muitas vezes não é entendido como tal. O professor de artes da educação infantil (dinamizador), sofre muito mais essas “classificações”, sendo uma disciplina que não tem tanta importância, pois ao longo do ensino básico, segundo os outros profissionais, verão novamente conteúdos de arte. Entendemos que essa fase é muito importante para o desenvolvimento da (s) crianças (s), em que o aluno passa a ter contato com outro “universo” que não seja a sua casa ou o espaço onde vive. E é nesse espaço estendido que a arte pode contribuir para o entendimento de mundo, aguçar o olhar para si e para o mundo ao seu redor, experimentar sensações e traduzir o que estão sentindo através dos desenhos, dos registros, da pintura, e das demais práticas propostas para essa modalidade de ensino, como também propiciar a inserção e socialização do indivíduo por meio da arte.

No ensino fundamental, que é dividido em dois ciclos, o primeiro (1º ao 5º ano), e o segundo (do 6º ao 9º), também tem suas especificidades. No primeiro ciclo, as crianças ainda no primeiro ano tentam se adequar a um espaço maior que o da educação infantil, tendo que conviver e socializar-se com crianças maiores. À medida que as séries vão avançando, as abordagens e aplicações no ensino da arte passam a ter outras características, adequadas às novas mudanças das linguagens, como as midiáticas, mais próximas do vivenciam,

atentando para o mesmo propósito do ensino, ensinando a arte para a compreensão do mundo, aguçando o olhar, a percepção, capazes de exprimir suas ideias, criticamente.

A evolução do homem é uma constância, e a cada ano do ensino fundamental (fase que passa da infância para a pré-adolescência), mudanças corporais acontecem, os gostos, as escolhas tornam-se mais evidentes. Os problemas emocionais, devido às transformações biológicas, causam alguns transtornos, e à medida que a idade vai avançando, os questionamentos se tornam frequentes, e os embates com os adultos ficam mais fortes. E a arte pode ser uma das formas ou ferramentas de se trabalhar os valores, a socialização dos indivíduos, e a interação efetiva entre esses indivíduos cheios de dúvidas e mudanças.

No ensino médio, os alunos têm como marca a irreverência, e para se trabalhar a arte têm que ser tocados, levados a compreender a arte como uma expressão do pensamento, conhecendo os espaços, como intervir neles, utilizando linguagens mais próximas deles, como as novas mídias, a arte contemporânea, a música, enfim, levá-los a refletir através da arte, por meio de suas escolhas e num consenso mútuo.

Nossas expectativas enquanto estudantes era poder trabalhar de forma que os alunos pudessem compreender, e tornar o seu olhar mais crítico diante do mundo em que vivemos, e que nessas redes de interações ambos aprendessemos (professor/aluno). E nessa troca entendemos que “aprender não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para sua construção” (FREIRE, 1996, p.47), dessa forma, o aluno não pode conhecer a arte como concebemos, mas a partir de um olhar crítico que ele mesmo vai exercitar e construir a partir da troca de conhecimentos entre professor e aluno. Mas a realidade que encontramos no cotidiano escolar, muitas vezes, não nos proporciona condições de trabalho adequadas para as aulas de artes, que devem ser diferenciadas.

As linguagens visuais abarcam todos os campos das artes como a música, a dança, a história, a plástica (pintura, escultura, etc.), e todas estas têm conteúdos históricos, que podem e devem ser contextualizados para um melhor entendimento da prática e da estética, e os

materiais utilizados na prática costumam “incomodar” os professores de outras disciplinas ou regentes de sala, por “sujar” a sala. E os “problemas” encontrados, para Silva (2006, p. 32), começam com

[...] as políticas públicas que dispõem sobre a obrigatoriedade do ensino de artes na educação básica, também não têm a clareza necessária sobre a concepção deste ensino, uma vez que, ao mesmo tempo em que determinam a obrigatoriedade, exigem uma grade horária que desprestigia a disciplina em detrimento de uma série de outras no cotidiano escolar.

Dentro dessa perspectiva, um dos maiores problemas que encontramos quando chegamos à escola é a “sala de artes”, que na maioria delas (do Espírito Santo) não têm sala “própria”. Sendo essa uma das primeiras dificuldades que esbarramos, tendo que ir de sala em sala para ensinar, como qualquer outra disciplina que trabalha em sua maioria somente com teoria. Segundo Silva (2006, p.29),

A Lei 4.024/61 introduziu o ensino de arte dramática em alguns ginásios vocacionais, restringindo o ensino de artes às artes cênicas, e além disso, ofereceu uma disciplina para a qual não havia profissionais licenciados. Dessa forma, o que se constatou no cotidiano foi uma total falta de compromisso com a prática pedagógica desta disciplina, o que em muito contribuiu para a representação social que ainda hoje permeia o ensino em nossas escolas. A visão que se tem sobre a aula de artes é que é a hora do lazer, ou que é apenas uma atividade desvinculada do currículo, ou que é o momento ideal para se recorrer quando se precisa fazer um cartaz para festas juninas ou afins.

Muitos professores e teóricos da educação acreditam que a interação entre sujeitos dentro do âmbito escolar, pode proporcionar um ensino de qualidade onde as redes de relacionamentos possam contribuir não só para o conhecimento do aluno, como também para as relações interpessoais entre os demais sujeitos que fazem parte deste cotidiano. Para Bakhtin, os sujeitos estão sempre interagindo uns com os outros.

E essas interações entre os sujeitos que fazem parte do cotidiano escolar se fazem necessárias, e são um caminho para a interdisciplinaridade, construindo para um trabalho de qualidade, em que todos ganham (os alunos, os

professores, os funcionários e os pais), são as redes de relações, que devem e fazem parte desse dia-a-dia escolar. Muitas vezes a interação ou integração entre disciplinas não acontecem. Há grande maioria desses profissionais procuram dar sua aula a partir do seu conteúdo programático, procurando cada um dar conta do seu papel e da sua disciplina, cada uma delas trabalhadas isoladamente. Vemos isso como uma falha não só dos sujeitos, mas das instituições de ensino, dos cursos de graduação, das formações continuadas e dos currículos escolares que não atendem e não contemplam questões tão sérias que é a rede de relacionamentos no cotidiano escolar.

O sujeito não é o dado biologicamente, mas o construído no intercâmbio em um meio social humano, que por sua vez está em interação constante com outros contextos. É através dos vínculos sociais de afeto, linguagem, de comportamentos, que o sujeito vai se auto-organizando (FERRAÇO, 2003, p. 167).

O trabalho interdisciplinar traz benefícios a todos que fazem parte do cotidiano escolar. Supomos que seja necessário “despojar-se de preconceitos, questionar os valores arraigados do consciente, e transcender à busca do ser maior que está dentro de nós mesmos. E sentir-se livre para poder falar e, principalmente, ouvir. Ouvir você e o outro” (PEÑA, 1991, p. 63).

## **ALGUMAS RAZÕES PARA O ENSINO DA ARTE**

A educação é uma das ações que definem o ser humano, onde, transcende seu status animal, pois vai além dos instintos: compreende, reelabora, reflete, cria e recria, critica, aprende, ensina. Uma característica distintiva do ser humano é a necessidade do supérfluo,

[...] a humanidade se diferencia dos demais animais não só pela capacidade de racionar, mas, principalmente, por pertencer à categoria dos seres simbólicos. Somos a única espécie sobre o planeta capaz de criar símbolos carregados de significados para interpretar o universo. Somos nós, os humanos, os únicos animais de fantasiar, de sonhar, de simbolizar, enfim, de imaginar e criar. É neste cenário que surge a arte como o grande destaque da produção simbólica da humanidade (SILVA, 2006, p. 19).

Da mesma forma que a educação faz parte do ser humano, a arte como expressão humana,

[...] traduz pensamentos, emoções, esperanças e possibilidades diferentes de ver o mundo e representá-lo. Ela é a expressão de indivíduos únicos e irrepetíveis, inseridos numa realidade concreta [...] é uma criação que se refaz constantemente, não se repete, pois está relacionada às experiências e esperanças de indivíduos únicos (FOERSTE, 2005, p. 10).

Pode-se dizer que arte é a admiração diante do por do sol, a necessidade de deixar uma marca que dure além do efêmero tempo de nossa existência, o incômodo diante da desorganização e a valorização de certa ordem individual, o espanto diante do inusitado, a apreciação da beleza, a reflexão sobre o que é diferente e nos provoca. Todos os seres humanos vivenciam essas situações ao longo de suas vidas, pois são constituídos de dimensões físicas, cognitivas, emocionais, sociais, éticas e estéticas.

Essas características em diversas dimensões do ser humano por si só já seriam válidas para justificar a importância da Arte na educação, porém há de se entender que sua ausência não favoreceria um desenvolvimento integral da pessoa, um dos principais objetivos da educação,

[...] a arte é uma expressão do sentir humano transformada em símbolos, nem sempre convencionais, e que, não necessariamente, levam o observador a significados conceituais, pois, em princípio, a arte é para ser entendida. Além desse fator há outros que valem a pena ser lembrados (SILVA, 2006, p.19).

Arte é cultura, fruto de sujeitos que expressam a suas visões de mundo, que estão atreladas a concepções, princípios, espaços, tempos e vivências. O contato com a arte através do tempo e da história, de outros lugares/não-lugares e regiões ampliam a visão de mundo, enriquece o repertório estético, favorece a criação de vínculos com realidades diversas e assim propicia uma cultura de tolerância, de valorização da diversidade, de respeito mútuo, podendo contribuir para uma cultura de paz.

O conhecimento da arte produzida em sua própria cultura permite ao sujeito conhecer-se a si mesmo, percebendo-se como ser histórico que mantém conexões com o passado, o movimento

circuital de que fala Morin (PEÑA-VEGA; NASCIMENTO, 1999), tornando-se capaz de intervir no futuro, tomando consciência de suas concepções ideológicas, podendo escolher criticamente seus princípios, superando preconceitos e agindo socialmente, desse modo, contribuindo para transformação (hipoteticamente, evolução) da sociedade da qual faz parte.

Ultrapassando os limites da natureza humana e culturais para a importância da arte na educação, podemos justificar a arte, sobre a sua dimensão simbólica, seu poder expressivo de representar idéias por meio de linguagens como a dança, a música, o teatro, as artes visuais, entre outras formas de linguagens expressivas que a arte assume em nosso dia-a-dia.

Essas formas de linguagens são criadas pela humanidade para expressar a realidade percebida, sentida ou imaginada, dessa forma, têm suas próprias estruturas simbólicas que envolvem elementos como espaço, forma, luz e sombra nas artes visuais. Timbre, ritmo, altura e intensidade em música, entre outros elementos intrínsecos a outras linguagens da arte.

Os conhecimentos dessas estruturas simbólicas não são muito evidentes para os alunos, que não se constroem espontaneamente através da livre expressão, pois precisam ser trabalhados, construídos por meio da mediação do professor de artes. E o ensino das linguagens que perpassam pela arte é de responsabilidade da escola, dos professores, como também das instituições formadoras e das instituições públicas que devem manter um currículo, seguindo a LDB 9394/96, criados para atender questões sobre a educação (LDB e Referenciais), os Referenciais para atender a Educação Infantil e os PCNs, para direcionar as práticas em artes no ensino fundamental.

Os Referenciais para a Educação Infantil foram criados para atender as Leis de Diretrizes e Bases, para a educação infantil. O objetivo é que esse material possa auxiliar o professor “[...] na realização de seu trabalho educativo diário junto às crianças pequenas” (BRASIL, 1998a, p. 7). O volume três, do Referencial traz algumas questões e sugestões para o trabalho com as artes visuais, dança, teatralização e música. As artes visuais, que atendem nossa formação, têm “[...] seus conteúdos organizados em dois blocos. O primeiro bloco se refere ao fazer artístico e o segundo trata da

apreciação em Artes Visuais” (BRASIL, 1998c, p. 85).

Não só nas séries mais avançadas da educação básica podem ter o entendimento e a contextualização histórica, mas na educação infantil também podemos trazer a história e a leitura de imagens, como também a leitura de mundo que fazem a partir de suas produções e criações, direcionadas ou não.

Como nos referências, os PCNs trazem parâmetros para o ensino da arte, que abrangem todas as linguagens como artes plásticas, música, dança, teatro. Não há como tê-los como métodos a serem seguidos, pois a arte é mutante, e segue as tendências sociais, perpassando a história. Assim, podem servir como apoio e direcionamento. Têm suas falhas, e cabe ao professor, garimpar e buscar a melhor forma de aplicação e trabalho.

Defendemos a Arte na educação, pela sua importância e contribuição para o desenvolvimento cognitivo dos educandos, ampliando as possibilidades de compreensão do mundo, e colaborando para um melhor entendimento dos conteúdos relacionados a outras áreas do conhecimento como matemática, história, língua portuguesa e geografia, dentre outras.

Podemos citar a história como um exemplo mais evidente, como os temas determinantes e seus desdobramentos através do conhecimento da história da arte, os movimentos artísticos o qual fazem parte, como se desenvolveram e como estão intrinsecamente ligados à história, aos momentos políticos, econômicos, enfim, não podemos dissociá-la da história, uma está interligada à outra, não tem como se falar de arte sem se falar de história, e vice-versa.

Não há dicotomia entre arte e ciência, pensar e sentir, criar e sistematizar. A fragmentação do conhecimento é uma falácia, que tem estado presente na educação há muito tempo. Pensamos que essa fragmentação deve ser superada, pois o ser humano é íntegro. Diante de tal importância que a Arte assume na educação, podemos fazer uma revisão crítica de como a escola tem alcançado em termo do ensino da arte. Será que temos conseguido valorizar expressividade do aluno e potencial criativo? Será que temos sabido perceber, compreender e avaliar suas idéias sobre as linguagens artísticas? Será que

temos desenvolvido nosso próprio percurso em artes, de tal modo que conheçamos os conteúdos, os objetivos e os métodos para ensinar cada uma das linguagens artísticas? Será que temos tido bagagem teórico-conceitual suficiente para identificar o momento que cada educando vivencia em sua rede de relações, tecida sobre a arte, e fazer intervenções ou mediações que lhe permita avançar? Será que temos sabido incentivar a formação cultural dos alunos, ajudando-os a perceberem-se como sujeitos de “cultura”?

Há muito tempo, teóricos, pesquisadores, professores, têm buscado algumas mudanças na educação. Acreditamos que estamos vivenciando um momento histórico de grande importância numa busca por mudanças, sobretudo na Arte-educação. Alguns movimentos, encontros, congressos, seminários de artes, proporcionam as trocas de experiências, os questionamentos, e os desafios de professores de artes, numa expectativa de mudanças. Mesmo em passos lentos, tentamos superar concepções tecnicistas e utilitaristas, como também ir além do “deixar fazer” e da livre expressão, para reconhecer que a arte tem características próprias, e que devem ser mais exploradas pelos educadores, que têm seus objetivos e métodos de se trabalhar.

Será que tivemos acesso à arte em nossa educação? E que acesso foi esse? Há possibilidades de mudanças, e nessa concepção, entendemos que nós, professores de Arte, podemos fazer a diferença, partindo de nossas inquietações, nossos questionamentos e angústias, fazendo o melhor, [re] construindo conceitos, pesquisando mais, respondendo perguntas e criando outras, conhecimentos que podem ser [re] construídos à medida que trocamos ideias, que interagimos com o outro, e nessas interações com os demais sujeitos, acontecem as mediações e o conhecimento é uma das consequências dessas redes.

Nós como educadores precisamos aprender mais para ensinar melhor. Cada um de nós deve ser um tecedor de conhecimentos, semeador de idéias e práticas, esperando contribuir para um futuro melhor, com mais educação, preparando os indivíduos (alunos) para uma percepção melhor do mundo em que vivem, tornando-os cidadãos críticos, capazes de opinar, analisar, observar e situar-se como indivíduos que são, podendo compreendê-lo e nele atuar.

A escola [...] é o espaço onde se prepara o aluno para a vida profissional e pessoal, somos convidados, nós, educadores, a substituir os velhos modelos racionais, positivistas, patriarcais e cartesianos por novas concepções educacionais, fundamentadas em uma pedagogia mais progressiva e voltadas para a formação de uma sociedade mais inclusiva. O fortalecimento das desigualdades sociais, geradas pela globalização, só poderá ser minimizado com uma educação mais comprometida com a realidade [...] ela deve assumir o papel de desenvolver cidadãos críticos e ativos (VASCONCELLOS, 2006, p. 38).

E nesse espaço, Vasconcellos (2006, p. 39) cita que

[...] o aluno deve ser preparado para transformar o que está a sua volta. Ele deve marcar sua presença ativamente e não ser um mero espectador”, nesse sentido, “educação e o professor não podem ser neutros”. Segundo Silva “devem estar conscientes e inseridos num espaço histórico e preparar-se para uma atuação concreta, que não passem à margem da realidade. É preciso oferecer uma direção histórica, cultural, política e ética [...].

Diante de todas essas questões, inquietações e razões, não só o professor de artes deve ter um comprometimento com a educação, mas de todas as áreas do conhecimento devem ser parceiros, ora como sujeitos, ora como o outro. São as redes de relacionamentos que fazem os sujeitos interagirem uns com os outros. E é nessas mediações e interações com o outro que se constrói a sociedade, ademais no cotidiano escolar, que tem como premissa, ensinar. É nesse ambiente que mais acontecem as trocas de conhecimentos. A todo o momento estamos ensinando e ao mesmo tempo, aprendendo.

Devemos trabalhar as diferenças socioculturais no currículo escolar buscando o princípio organizador e o princípio articulador no movimento da sala de aula, da escola, do cotidiano escolar em suas relações com ações sociopolíticas e culturais mais amplas (CARVALHO, 2008, p. 108).

Tiba (1998), nos fez refletir em algumas de suas palavras, e quem sabe, nos reportarmos a elas, e incorporarmos para o nosso dia a dia, nessa missão de que mestre

[...] um professor evoluído [...] que ultrapassa a função de transmissor da matéria ao descobrir um jeito particular de passar informações [...] o mestre estimula a divulgação da sabedoria [...]; o mestre desperta a vontade de aprender [...]; um mestre, ao ultrapassar a função de transmitir um conteúdo programático, ensina ao aluno um estilo de vida que enobrece sua alma (TIBA, 1998, p. 62-65).

Tiba (1998) diz que o professor é o transmissor de conhecimentos, e o mestre é aquele que realmente ensina. Será que temos sido mestres ou professores? Assim como Tiba (1998, p.25), pensamos que “o poder de ensinar e o prazer de aprender são os grandes benefícios de ensinar aprendendo”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das reflexões, questionamentos, respostas, percebe-se que muitos autores, estudiosos da arte têm tido a preocupação com a disciplina de artes na escola, sobretudo a importância que a arte tem na formação humana. Dentro dessa perspectiva, acreditamos que ao passar do tempo, mesmo diante dos preconceitos que cercam essa disciplina, os professores de artes e o espaço que ocupa na escola esteja cada vez mais escasso, há uma preocupação maior dos professores em mudar essa realidade. E nosso desejo é que a Lei seja aplicada em todo ensino básico, com a inserção efetiva da aula de artes, e que tenha, segundo a lei, condições adequadas para sua aplicação, com salas ambientes, para a experimentação e conhecimento dos alunos de forma mais abrangente. E que seja levada em conta com toda a importância, e não somente como um mero fazer ou ornamentação de festas e/ou datas comemorativas, confeccionando painéis e babados. Que seja realmente “enxergada” como uma disciplina que tem a possibilidade da formação de alunos mais preparados para intervir e inserirem-se na sociedade. E que o professor busque mais conhecimento, e tenha uma “veia” de pesquisador e lute pelo seu espaço, procurando se adequar a ele, e que faça a diferença.

E que a arte seja muito bem-vinda, que entre pela porta da frente para ocupar o lugar que lhe é de direito. E que venha, e venha rápido, para que a escola possa se tornar um fórum privilegiado onde nossos alunos possam usar praticar, refletir e discutir sobre as imagens,

informações e saberes que as linguagens da tecnologia produzem e vinculam; para que nossos alunos aprendam, de forma crítica, a lidar com o excesso de informações a que temos acesso hoje, E que chegue a arte trazendo consigo a possibilidade de aprendermos a ler as verdadeiras obras de arte! Aquelas que sempre rompem as barreiras do preconceito e da discriminação (SILVA, 2006, p.34).

## REFERÊNCIAS

BARRETO, Angela Maria Rabelo Ferreira (Elaboração). MEC/SEF/DPE/COEDI . **Educação infantil no Brasil: Situação atual**. Brasília: MEC/SEF/DPE/COEDI, 1994.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**: Introdução / Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998a. 1 v.

\_\_\_\_\_. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**: Formação Pessoal e Social / Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998b. 2 v.

\_\_\_\_\_. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**: Conhecimento de Mundo / Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998c. 3 v.

\_\_\_\_\_. **Lei de diretrizes e bases da educação Nacional**: Lei 9394/1996. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: arte. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CARVALHO, Janete Magalhães. Pensando o currículo escolar a partir do outro que está em mim. In: FERRAÇO, Carlos Eduardo (Org.). **Cotidiano escolar, formação de professores (as) e currículo**. 2. ed. São Paulo: CORTEZ, 2008.

FAZENDA, Ivani (ORG.). **Práticas interdisciplinares na escola**. São Paulo: Cortez, 1991.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. Eu caçador de mim. In: GARCIA, Regina Leite (Org.) **Método: pesquisa com o cotidiano**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

FOERSTE, Gerda Margit Schütz. **Linguagem II arte**. Vitória: EDUFES, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Aautonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da Silva. (Org.) **Identidade e Diferença – a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: VOZES, 2004.

LAROSSA, Jorge. Linguagem e educação depois de Babel. **Ensaaios eróticos: Experiência e paixão**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PEÑA, María de los Dolores. Interdisciplinaridade: questão de atitude In: FAZENDA, Ivani. (Org.) **Práticas interdisciplinares na escola**. São Paulo: Cortez, 1991. p. 57-64.

PENA-VEGA, Alfredo; NASCIMENTO, Elimar Pinheiro do. **O Pensar complexo: Edgar Morin e a crise da modernidade**. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

PILLAR, Analice Dutra. (Org.) **A Educação do olhar no ensino das artes**. Porto Alegre: Mediação, 1999.

SILVA, Angela Carrancho da. Ensino da arte na escola: do abracadabra ao abre-sésamo. In: SILVA, Angela Carrancho da. (Org.) **Escola com Arte: multicaminhos para a transformação**. Porto Alegre: Mediação, 2006. p. 11-34.

TIBA, Içami. **Ensinar Aprendendo: como superar os desafios do relacionamento professor-aluno em tempos de globalização**. São Paulo: Editora gente, 1998.

VASCONCELLOS, Marcya. A Arte entra em cena na escola. In: SILVA, Angela Carrancho da. (Org.) **Escola com arte: multicaminhos para a transformação**. Porto Alegre: Mediação, 2006. p. 35-53.

#### Informações dos autores:

**Sonia Maria de Oliveira Ferreira** – Licenciada em Artes Visuais pela Universidade Federal do Espírito Santo. Aluna bolsista da FAPES, do Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo, Mestrado em Educação, na Linha de Linguagem Verbal e Visual. E-mail: soniaoferreira@gmail.com.

**Ivan Nyls Ribeiro Lana** – Licenciado em Artes Visuais pela Universidade Federal do Espírito Santo. Aluno do Programa de Pós-Graduação em Educação. Mestrado em Educação, na Linha de Linguagem Verbal e Visual, pela Universidade Federal do Espírito Santo. Atua como professor de artes da educação básica no Governo do Estado do Espírito Santo. E-mail: ivanlana@terra.com.br.